

MACHADO DE ASSIS ENTRE A CRÔNICA E O BOND

Fernanda Coutinho

Um dado incontroverso, nas diversas biografias de Machado de Assis, (Rio de Janeiro, 1839-1908) é o registro de que ele era madrugador, estando já, às seis horas da manhã, em plena atividade.⁵ Uma das primeiras tarefas de sua rotina diária era a leitura dos jornais. O Machado de Assis leitor de gazetas era precedido apenas pelo amante da natureza, que, antes de tudo, ia dizer bons dias às rosas de seu jardim, e prestar reverência às borboletas, de quem se dizia cativo.

Nesse sentido, é ele próprio que, em 19 de fevereiro de 1893, entreabre o portão do sobrado da Rua do Cosme Velho, 18, onde já há cerca de dez anos morava em companhia de sua Carolina, e reparte, com o público-leitor, detalhes de sua intimidade doméstica, esboçando uma espécie de crônica-diário:

É meu velho costume levantar-me cedo e ir ver as belas rosas, frescas murtas, e as borboletas que de todas as partes correm a amar no meu jardim. Tenho particular amor às borboletas. Acho nelas algo das minhas idéias, que vão com igual presteza, senão com a mesma graça.

A Semana

O certo, porém, é que, às dez horas, quando tomava o bonde e saía para o trabalho, já levava em sua cabeça as notícias do dia – fresquinhas –, e muitos desses assuntos voltavam novamente às páginas dos jornais, enriquecidos agora com seus comentários, e emoldurados pelo seu agudo senso de apreciação e por seu estilo peculiar.

⁵ Cf. entre outros: TRIGO, Luciano. *O Viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001. GRINBERG, Keila; GRINBERG, Lúcia; ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *Para conhecer Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

O escritor tornou-se, por fim, um cronista profissional, haja vista a longa e intensa colaboração – de 1861 a 1900 –, em um número expressivo de periódicos do Rio de Janeiro de então: *Diário do Rio de Janeiro*⁶, *Semana Ilustrada*⁷, *O Futuro*, *Ilustração Brasileira*, *O Cruzeiro* e *Gazeta de Notícias*. Nessa última, foram publicadas originalmente, por exemplo, as crônicas de *Balas de estalo*, *Bons dias!* e *A Semana*, títulos que ajudaram a identificá-lo como resenhista do dia-a-dia. Restariam, além dessas, os trabalhos dispersos que circularam, de 1859 a 1898, nos seguintes veículos: *Correio Mercantil*⁸, *O Espelho*,⁹ *Semana Ilustrada*, *A Estação*, *Revista Literária*, *Páginas Recolhidas*, *O Álbum* e, por fim, na *Revista Brasileira*.

Diante desse volume alentado de anotações, seria o caso de se perguntar? E que tão grande quantidade de acontecimentos era essa a chamar a atenção do escritor, reclamando-lhe um parecer? Na realidade, eis uma pergunta ociosa, pois, como é sabido, o cronista é talvez dos escritores o de índole mais adâmica, conseguindo criar matéria de conversa para entabular uma boa prosa com o leitor, a partir de ocorrências mínimas ou de quanta coisa deseje, inclusive da falta de assunto.

Na realidade, escrever sobre a crônica machadiana é algo desafiador pela variedade das temáticas enfocadas, pela acuidade das observações, pelo *patchwork* criado por sua pena, entrelaçando questões do cotidiano da cidade, com as de seu cotidiano como leitor dos autores clássicos e de seus contemporâneos, alguns deles clássicos dos dias de hoje, com as de sua vivência do mundo teatral, sem contar as de sua atuação junto à política, mais especificamente, o dia-a-dia do Senado. O que escolher, então, diante desse mar de histórias?

Por enquanto, não mais que uma pequena mão em concha, dessa água repleta de vida, salitrada com a finura do pensamento do escritor célebre, sobre fenômenos tão díspares, uma vez que nossa pesquisa sobre o tema ainda engatinha. Assim, a prosa vai gravitar em torno à crônica ela mesma, e ao bonde, suas transformações e as mudanças por ele trazidas à urbe. É hora de começarmos, então!

6 Neste periódico, dirigido por Saldanha Marinho e Quintino Bocaiuva, Machado de Assis fez a cobertura das atividades do Senado. Esse período seria retomado pelo viés da recordação em “O Velho Senado”, publicado na *Revista Brasileira*, em 1898.

7 De propriedade de Henrique Fleuiss, foi a primeira revista humorística ilustrada da Imprensa brasileira, nela Machado foi colaborador desde o número de estréia. Dentre outras ilustrações famosas destacam-se as caricaturas de Angelo Agostini sobre a Abolição da escravatura, na edição de nº 498, do Ano 13.

8 Machado foi apresentado por Manuel Antônio de Almeida, o Maneco Almeida, aos dirigentes desse periódico, Pedro Luís e Francisco Otaviano, atuando inicialmente como revisor e, depois, na condição de colaborador.

9 Tinha à frente Eleutério de Sousa, e sua secção “Revista dos Teatros”, foi a primeira, fixa e regular, de crítica teatral, em nossa imprensa.

Tempo de crônica

Machado de Assis, cuja poética, como sabemos, incorpora, no romance e no conto, a autocontemplação da produção artística, não hesita em ampliar para a crônica o mesmo procedimento. E olhe que não estamos pensando aqui na *causerie* com o leitor, que desse nem é necessário falar, pois seu lugar é de primazia, com o autor brincando com sua curiosidade, dirigindo-lhe admoestações, antecipando-lhe reações, enfim, de um modo ou de outro, fazendo-o sentir-se no centro da ribalta. No terreno da autocontemplação, que tal observarmos uma espécie de manual de civilidade para a própria crônica, que nos chega, por artes da metonímia, confundida com a pena, que dará o traçado de suas linhas?

Tirei hoje do fundo da gaveta, onde jazia a minha pena de cronista. A coitadinha estava com um ar triste, e pareceu-me vê-la articular por entre os bicos, uma tímida exprobração. Em roda do pescoço enrolavam-se uns fios tenuíssimos, obra dessas Penélopes que andam pelos tetos das casas e desvãos inferiores dos móveis. (...)

— *Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafeiei entre os meus esboços de prosa e de verso? Necessito mais que nunca de ti; vê se me dispensas as tuas melhores idéias e as tuas mais bonitas palavras; vais escrever nas páginas do Futuro. Olha para que te guardei! Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada. . . Não te envolvas em polémicas de nenhum gênero, nem políticas, nem literárias, nem quaisquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a desonesta, de modesta a pretenciosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéias é muito pior que o das ruas; tu és franzina, retrai-te e fecha-te no círculo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever crônicas. Seja entusiasta para o gênio, cordial para o talento, desdenhosa para a nulidade, justiceira sempre, tudo isso com aquelas meias-tintas tão necessárias aos melhores feitos da pintura.*¹⁰

¹⁰ Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Publicada originalmente em *O Futuro*, Rio de Janeiro.

O hoje, a que Machado se refere, é o dia 15 de setembro de 1862, e nessa crônica-apólogo podemos perceber a consciência que, já na ocasião, tinha o escritor quanto à volatilidade desse tipo de texto, em função do veículo em que circulava, da proximidade do público, além de um indubitável poder vinculado ao jornal: o da fabricação de famas, quer as positivas, quer as negativas. Nessa conversa, ao pé da orelha, com a pena, observamos, também, o prestígio que o articulista confere ao jornal em que colabora. Nada mal ficar largada por um tempo a um canto cinzento, à mercê do trançado paciente e diligente das aranhas, para, depois, saltar à luz do dia, circulando por entre olhos ávidos pelo bulício da vida presente.

O manancial de crônicas do autor encerra ainda outros textos em que a própria natureza do gênero de escrita é o assunto de suas reflexões, como a de 1º de novembro de 1877, que trata da gênese desse tipo de narrativa:

*Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue; está começada a crônica.*¹¹

A nonchalance do meta-discurso do escritor pode induzir até à falsa idéia de que a crônica é tarefa que pode ser assumida por todos ou por qualquer um, mas sabemos que existe um refinamento necessário para que *la glace soit rompue*. E ele, como mestre, soube apelar diversas vezes para o recurso da representação, em outras palavras, soube pisar a cena, deixando a crônica falar de e por si mesma.

Na secção I das *Histórias de 15 dias*, datada de 15 de março de 1877, Machado chega a brincar com o vácuo que separa o historiador e o contador de histórias, reclamando de si mesmo uma presença mais constante na cena pública, o que poderia trazer maior fidedignidade a seus relatos.

11 In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Org. e Introd.) *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007, p. 27. Publicada originalmente na Ilustração Brasileira.

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinquena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de um historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.

Com esses jogos sobre os paralelos entre fato e ficção, o escritor comenta, do ponto de vista historiográfico, o processo de mutação pelo qual passou esse tipo de narrativa. A esse propósito, é o caso também de nos lembrarmos da arguta afirmação de Margarida Neves:

A crônica, pela própria etimologia, – *chronus*/crônica –, é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador.¹²

Explorando um pouco o veio da subjetividade, podemos acrescentar que o terreno das afeições também foi visitado pelo escritor. Assim, é natural imaginarmos, que nem todas as crônicas apresentaram o bem conhecido tom zombeteador de Machado. Houve momentos em que adquiriram a feição do obituário, destacando-se, nesse sentido, um trecho da publicada em 24 de dezembro de 1861, em que é reportado o falecimento de Paula Brito.¹³ Sendo o famoso impressor o primeiro a

12 NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas.” CANDIDO, Antonio (Org). A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 82.

13 No livro-homenagem ao centenário de morte de Machado de Assis, Ubiratan Machado recorda que a loja

estender a mão ao futuro homem de letras, as palavras vêm envolvidas pela tarja negra, que assinala a saudade, enquanto denotam o elogio sereno, porém reconhecido de suas qualidades morais:

um homem que, pelas suas virtudes sociais e políticas, por sua inteligência e amor ao trabalho, havia conseguido a estima geral. Começou como impressor, como impressor morreu.

Nesta modesta posição tinha em roda de si todas as simpatias. Paula Brito foi um exemplo raro e bom.

Tinha fé nas suas crenças políticas, acreditava sinceramente nos resultados da aplicação delas; tolerante, não fazia injustiça aos seus adversários; sincero, nunca transigiu com eles. Era também amigo, era, sobretudo, amigo.

Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava estendia-lhe quanto podia a sua proteção. Em vez de morrer, deixando uma fortuna, que o podia, morreu pobre como vivera graças ao largo emprego que dava às suas rendas e ao sentimento generoso que o levava na divisão do que auferia do seu trabalho.

Nestes tempos de egoísmo e cálculo, deve-se chorar a perda de homens que, como Paula Brito, sobressaem na massa comum dos homens.

Por esse diapasão, a crônica machadiana poderia dar ensejo a um inventário sobre as perdas havidas na vida cultural brasileira, literária, mais especificamente, enquanto o escritor atuou em periódicos. Página bastante comovente também é a que reporta o falecimento de

de Francisco de Paula Brito vendia um sem número de produtos que iam do fumo à tinta, do chá a drogas, de papel a livros. Um bazar em suma. Na livraria, situada na Praça da Constituição ou Largo do Rossio, atual Praça Tiradentes, funcionava a Sociedade Petalógica. “Poeta modesto, livreiro, tipógrafo, editor, o mulato Paula Brito foi acima de tudo uma admirável figura humana. Nasceria para conciliador, tinha o carisma dos líderes e sabia se impor até aos arrogantes políticos imperiais. Freqüentadores assíduos da livraria e das tertúlias da Petalógica, liberais e conservadores esqueciam-se ali das tricas e futricas políticas para só se preocuparem em dar boas gargalhadas.” (p. 19) MACHADO, Ubiratan. “Vida”. In: SECCHIN, Antônio Carlos. ALMEIDA, José Maurício Gomes de, SOUZA, Ronaldes de Melo. Machado de Assis: uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

José de Alencar, a quem Machado se ligou por fortes laços de amizade, admiração e respeito.¹⁴

Retornando à crônica como personagem das páginas de folhetim, importa considerarmos que Machado de Assis não escapou nem mesmo ao fantasma da falta de assunto, situação quase indefectível quando se trata dessa modalidade de escrita. Para ele, no entanto, esse foi um fantasma fácil de ludibriar, invocando, para tanto, inclusive, o recurso da preterição, cuja cadeia de “nãos” tem como resultado final a crônica pronta e acabada, tal como a constante em *Novidades da Semana*, de 19 de junho de 1864:

*Uma novidade para a semana!
Ninguém a fornece? Tanto pior para mim e para vós, leitor.
Os jornalistas, e sobretudo os cronistas,
são os maiores mágicos do meu conhecimento. Iludem ao
público de maneira singular e impingem-lhes, pelo valor
de uma assinatura, a mesma novidade que recebem grátis
das mãos do respeitável público.*

E o escritor se compraz em insistir na condição de folhetinista desarvorado pela rotina pífia da cidade, como verificamos nas “Novidades da semana”, de 24 de abril de 1864, estampadas nas *Crônicas do Dr. Semana*, dando a entender que, para o seu interlocutor reservaria, de preferência, histórias chistosas, em vez de casos repassados a pesadume.

*O único meio que resta ao cronista de
novidades, quando se acha em frente de uma semana estéril,
é dizer francamente a verdade a seus leitores.*

*Entretanto, não podemos nós assim
lavrar peremptoriamente uma sentença tão pesada contra
os 7 dias que acabam de decorrer.*

14 “Toda a história destes quinze dias está resumida em um só instante, e num acontecimento único: a morte de José de Alencar. Ao pé desse fúnebre sucesso, tudo o mais empalidece. Quando começou a correr a voz de que o ilustre autor do Guarani sucumbira ao mal que de há muito o minava, todos recusavam dar-lhe crédito, tão impossível parecia que o criador de tantas e tão notáveis obras pudesse sucumbir ainda em pleno vigor do espírito. Quando uma individualidade se acentua fortemente e alcança, através dos anos e dos trabalhos, a admiração de todos, parece ao espírito dos demais homens que é incompatível com ela a lei comum da morte. Uma individualidade dessas não cai do mesmo modo que as outras; não é um incidente vulgar, por mais vulgar e certo que seja o destino que a todos está reservado; é um acontecimento, em alguns casos é um luto público.” Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1877.

Graves sucessos foram neles anunciados e, em todo o caso, se não dão assunto para a galhofa, prestam-se, Deus o sabe, a movimentos expansivos de outra natureza.

Colocando-se, por fim, como um oficial da crônica, dependente, portanto, da natureza áacre ou sensaborona do calendário, recortado de sete em sete dias, proclama, em *Ao acaso*, de 10 de outubro de 1864: “Dai-me boas semanas e eu vos darei bons folhetins.” A seguir, dá a entender que, sem matéria-prima de boa cepa, o resultado final ficará prejudicado: “Mas que se pode fazer no fim de sete dias chochos, passados a ver chover, sem acontecimento de natureza alguma, ao menos destes que tenham para o folhetim direito de cidade.”

O leitor não se engane, porém: tudo fita do Dr. Semana, pois ele, ou outro nome de fantasia que identificasse a autoria do grande escritor, seriam capazes de criar, com destreza e rapidez, uma prosa ágil, bulhosa, ou de sobreenho fechado dando notícia das penas do viver humano, tudo temperado com os volteios e tergiversações à Machado de Assis.

Não por acaso, Davi Arrigucci Jr.¹⁵ reconhece nela uma força impressiva, que vai de encontro, ao próprio perfil da narrativa, em sua relação de proximidade com o seu tempo presente, definindo-a como se segue: “arte da desconversa: refinada, alusiva, muitas vezes maldosa e sempre irresistível. Ninguém escapa a tanta movimentação e humor, mesmo depois de todos esses anos do desaparecimento dos fatos que motivaram aquelas páginas extraordinárias.”

Os bondes na rota do tempo

O bulício, de que falamos há pouco, disse respeito, muitas e muitas vezes às metamorfoses do Rio de Janeiro que, de lentas, passaram a frenéticas, principalmente com a vizinhança da chegada do novo século. Um dos índices dessa mudança reflete-se no cenário móbil da cidade representado pelos transportes.

15 ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 59.

No princípio, como não desconhecemos, eram as seges, os coches com duas rodas e um só assento, fechados com cortinas na parte dianteira; depois, os tîlburis, cujo nome remete a Gregor Tilbury, que o inventou em Londres, em 1819, como um tipo de carro de duas rodas e dois assentos, sem boléia, com capota e tirado com um só animal. Os tîlburis principiaram a compor a paisagem urbana fluminense, em 1830, sendo trazidos por intermédio da França. Havia, ainda, o *cabriolet*, de origem francesa, carruagem leve de duas rodas, com capota móvel, puxada por um cavalo. Sobre esse último, vale recordar a “Anedota do cabriolet”, de *Relíquias da casa velha* (1906), onde Machado, antes de iniciar o relato, cria um contraponto entre esse veículo e o tîlburi, assinalando a *vita brevis* do primeiro e vaticinando *vita longa* ao último:

A geração de hoje não viu a entrada e a saída do cabriolet no Rio de Janeiro. Também não saberá do tempo em que o cab e o tilbury vieram para o rol dos nossos veículos de praça ou particulares. O cab durou pouco. O tilbury, anterior aos dois, promete ir à destruição da cidade. Quando esta acabar e entrarem os cavadores de ruínas, achar-se-á um parado, com o cavalo e o cocheiro em ossos, esperando o freguês do costume. A paciência será a mesma de hoje, por mais que chova, a melancolia maior, como quer que brilhe o sol, porque juntará a própria atual à do espectro dos tempos. O arqueólogo dirá coisas raras sobre os três esqueletos. O cabriolet não teve história; deixou apenas a anedota que vou dizer.

Nas páginas dos contos e dos romances é freqüente a presença desses meios de locomoção mais antigos e sabemos perfeitamente como foram eles, de fato, importantes mediadores no desenrolar de tramas amorosas e no das de outras ordens.

Quanto ao bonde, de que era *habitué*, o escritor dedicou-lhe várias crônicas – era o veículo do seu tempo –, e iremos destacar, em primeiro lugar, a que apresenta um código de posturas – compostura – para a sua utilização, o qual se propõe a zelar pelo bem-estar dos

eventuais usuários e a sugerir comportamentos que evitem arranhões às regras da polidez. Publicada originalmente a 4 de julho de 1883, na *Gazeta de Notícias*, apresenta, após um pequeno preâmbulo, dez artigos, que versam sobre variadas situações passíveis de ocorrência no interior do veículo, quais sejam: *Dos encatarroados*, *Da posição das pernas*, *Da leitura dos jornais*, *Dos quebra-queixos*, *Dos amoladores*, *Dos perdigotos*, *Das conversas*, *Das pessoas com morrinha*, *Da passagem às senhoras*, *Do pagamento*. A crônica é toda ela um primor de criatividade, mas aqui será transcrito unicamente o Artigo V, *Dos amoladores*, em que um narrador *blaguer* compõe um arrazoado, que marca a distância entre os terrenos do público e do privado, condição *sine qua non* para uma boa interação no espaço da urbe, que, com a chegada inexorável do progresso, começavam a se delinear mais claramente.

Toda a pessoa que sentir necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém, deve primeiro indagar do passageiro escolhido para uma tal confidência, se ele é assaz cristão e resignado. No caso afirmativo, perguntar-lhe-á se prefere a narração ou uma descarga de pontapés. Sendo provável que ele prefira os pontapés, a pessoa deve imediatamente pespegá-los. No caso, aliás extraordinário e quase absurdo, de que o passageiro prefira a narração, o proponente deve fazê-lo minuciosamente, carregando muito nas circunstâncias mais triviais, repetindo os ditos, pisando e repisando as coisas, de modo que o paciente jure aos seus deuses não cair em outra.¹⁶

Já em A Semana, de 15/07/1884, o narrador abandona a posição de codificador e lança-nos a uma crônica de acontecimento, em que o bonde é colocado como cenário de amolação/imolação, aparecendo, ele próprio narrador, como vítima preferencial do palanfrório de um dos ocupantes do veículo.

A gente sai de casa, mete-se no bonde, encontra um sujeito que está justamente espreitando um conhecido. O sujeito chama-nos, encolhe os joelhos para nos deixar passar, paga-nos o bonde e fala-nos; desde então podemos dizer que toda a liberdade pessoal desapareceu. Não somos nós, não somos um ente livre, dotado de razão, feito à semelhança do criador, somos um receptáculo. O sujeito tem duas ou três idéias na cabeça e um oceano de palavras nos gorgomilos. Dilui

¹⁶ Texto-fonte: *Obra Completa* de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Vol. III.

as duas idéias nas palavras, sacoleja e despeja aos cálices. Engole-se o primeiro, creio mesmo que o segundo ainda vai, mas o terceiro é o diabo. Vem o quarto, vem o quinto, vem o sexto, vem a garrafa, vem a pipa, vem o Atlântico.

A narração de admirável efeito plástico denota claramente a indisposição de Machado de Assis com a mediocridade, aspecto de que nos oferece uma receita magistral, detalhada em todo o seu processo de composição e rematada com a perícia da gradação ascendente. Impiedoso com os que não tinham o hábito do cultivo do recato, Machado, nesta crônica, não poupa mordacidade, a exemplo do que praticou nas obras de maior tônus ficcional.

Para desespero do malfadado passageiro, o Rio de Janeiro de então ainda não se transportava de bonde elétrico, o que só ocorreria a partir de 1892. E a crônica prossegue revelando a sem-cerimônia do brasileiro em sua movimentação no espaço público. Por fim, a descrição cômica, beirando o caricatural, do desembarque da senhora gorda e seu cortejo de embaraços.

A gente olha para a frente a ver se o bonde está chegando. Não chega; em geral os burros são aliados do algoz e andam devagar. De quando em quando, pára o bonde é um freguês: que vem lá do meio de uma rua transversal; ou então é uma passageira que sai, uma senhora gorda, com um pequeno, com uma bolsa, um embrulho, uma transversal; ou então é uma passageira que sai, uma senhora gorda, com um pequeno, uma bolsa, um embrulho e sai a primeira senhora, com a bolsa, depois o pequeno, finalmente o embrulho, bolsa, depois o pequeno, finalmente o embrulho. Durante todo esse tempo, continua nosso castigo, lento, bárbaro, sem uma esperança de trégua. 15/07/1884

Ainda no que toca ao incômodo de Machado com a presunção dos indivíduos, é interessante transcrever a trecho da página de *A Semana*, de 16 de outubro de 1892, em que é dado adeus ao bonde puxado por burros:

O que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro.

Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bond, com um grande ar de superioridade. (...) Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bond elétrico, mas a própria eletricidade.

E o velho Machado, observador das atitudes humanas, surge de corpo inteiro nesta crônica que ecoa o pensamento do “defunto autor”, colocado em circulação na década anterior, pela sua dicção corrosiva e ao mesmo tempo pela complacência irônica:

Não é meu ofício censurar essas meias glórias, ou glórias de empréstimo, como lhe queiram chamar espíritos vadios. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade, merecem sempre algumas mostras de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca?

O restante da crônica – um diálogo entre os burros – denota a sensibilidade do autor para com o animal, vítima de denegação, o que se torna mais veemente pela consciência do assujeitamento por parte do bicho de carga. Essa crônica vale como um libelo contra a apropriação arresgada que o homem faz do universo, e nela Machado coloca o animal humano no domínio mais absoluto da insensatez, o que se torna mais contundente ainda pelo efeito da comparação com o animal culturalmente assimilado como desinteligente. A crônica/parábola remete às *Viagens de Gulliver* e à sensação de nonsense experimentada pelos Houyhnhnms, diante da ordenação de mundo apresentada por Gulliver.

São muitas as viagens de *bond* – como ele grafava – presentes na crônica de Machado de Assis e sua versatilidade permite fazer do espaço restrito desse meio de condução mutante, ao longo de sua vida, um transporte para realidades de infinitas ordens desde a da convivialidade, a da vacuidade da vaidade humana, chegando até à questão mesma de nossa finitude, quando o cronista ao falar de um acidente de *bond* cria um contraponto com um dos autores de sua predileção, Victor Hugo, ao retomar suas doloridas palavras, após a morte da filha, a jovem Léopoldine, ao comparar a criação a “uma roda que não podia andar sem esmagar alguém.”

Fica assim o convite a um passeio de *bond* pelo Rio antigo, com direito a apreciação das paisagens naturais, culturais e também as da alma, que em todas elas Machado de Assis revelou-se um grande condutor.